

DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v15n2.1192>

Alienação do mundo e da terra e a sociedade de consumo em Hannah Arendt

Alienation of the world and the earth and consumer society in Hannah Arendt

Débora dos Santos Góis Gondim(1); Lucas Barreto Dias(2)

1 Mestre em Filosofia Social e Política pela UECE - Universidade Estadual do Ceará com a Dissertação sobre “Poder e mundo comum em Hannah Arendt: As condições de uma ação política livre e plural”. Áreas e temas de interesse na Filosofia: Filosofia Política, Ética, Existencialismo, Hermenêutica e Fenomenologia. Professora efetiva da Rede Municipal de Educação de Fortaleza desde o ano de 2010. - Secretária Municipal de Educação; Coordenadora Pedagógica da Rede Municipal de Ensino.

E-mail: goisdebora@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9789-6143>

2 Professor do Instituto Federal do Ceará - IFCE, campus Fortaleza. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará -UECE. Doutor em Filosofia pela UFMG, com tese sobre “Os métodos de Hannah Arendt”

E-mail: lucas.noglbld@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1892-9171>

Resumo

Este artigo apresenta a contribuição teórica de Hannah Arendt sobre o significado da alienação do mundo e da Terra, bem como sua relação com a sociedade do consumo. Arendt traz o diagnóstico de uma crise que localiza o ser humano cada vez mais desconectado da Terra, do mundo e da pluralidade humana. Junto a isso, a pensadora judio-alemã expõe como a centralidade da atividade do trabalho põe também o consumo no centro de nosso processo vital e de nossas experiências contemporâneas. Baseando-nos principalmente na obra *A condição humana* (2020), mostramos os riscos que o nosso modo de vida moderno acarreta para a existência humana, para o mundo político e para a Terra. Por fim, indicamos que mais que nunca se mostra inadiável uma educação ambiental frente a assunção de nossa responsabilidade com o mundo e a Terra, de modo que frente às alienações, é nosso pertencimento ao habitat humano e natural que precisam ser encarados de frente.

Palavras-chaves: Alienação; Mundo; Terra; Trabalho; Consumo.

Datas:

Recebido: 09/07/2024

Aprovado: 05/11/2024

Publicado: 03/12/2024

Abstract

This article presents Hannah Arendt's theoretical contribution on the meaning of alienation from the world and the Earth, as well as its relationship with consumer society. Arendt diagnoses a crisis that finds human beings increasingly disconnected from the Earth, the world and human plurality. Along with this, the Jewish-German thinker explains how the centrality of work activity also places consumption at the center of our vital process and our contemporary experiences. Based mainly on the work *The Human Condition* (2020), we show the risks that our modern way of life poses to human existence, the political world and the Earth. Finally, we indicate that more than ever the assumption of our responsibility for the world and the Earth is urgent, so that in the face of alienation, it is our belonging to the human and natural habitat that needs to be faced head on.

Keywords: Alienation; World; Earth; Labor; Consumption.

Introdução

Nossa análise parte da seguinte afirmação de Hannah Arendt na obra *A condição humana* (2020, p. 327): “Enquanto a alienação¹ do mundo determinou o curso e o desenvolvimento da sociedade moderna, a alienação da Terra tornou-se e continuou sendo a característica da ciência moderna”. Neste artigo buscamos, sem intenção de esgotar a pesquisa, percorrer o caminho do pensamento e observação de Arendt quanto à sua identificação da dupla alienação do ser humano na modernidade. Assim sendo, iremos resgatar, em sua análise, a sequência de eventos históricos que culminaram na alienação do mundo para si-mesmo (*self*) e da Terra para o universo (cf. 2020, p. 7).

Abordaremos ainda, conceitos e os aspectos centrais que compõem a sociedade de consumo próprio do mundo moderno e com raízes na era moderna², pontuando a sua relação com ambas alienações e relacionando-as como aspectos políticos de primeira grandeza como destaca Arendt. A busca incessante do ser humano em alterar a sua condição humana pôs em jogo a ideia de humanidade e de amor ao mundo (*amor mundi*), circunstância que destacou a artificialidade, a qual aparece como característica das relações entre os seres humanos, assim como da relação entre os seres humanos e o mundo.

A sociedade de consumo vem completar a postura do ser humano de ofício, afirmando a distância que se estabeleceu entre o ser humano de ação, logo, de liberdade política para reduzir-se à postura do *animal laborans*³ (Arendt, 2020, p. 397). Junto à lógica do consumo e a separação do mundo⁴, Hannah Arendt já vislumbrava a capacidade humana

1 Termo utilizado por Arendt para representar o distanciamento ou perda de um lugar no mundo.

2 Para Hannah Arendt, a era moderna se inicia no século XVII e se estende até o limiar do século XX, o mundo moderno, por sua vez, surge após as primeiras explosões atômicas e compõe nosso mundo contemporâneo (Arendt, 2020, p. 7).

3 Arendt ao descrever as atividades humanas a partir da premissa da condição humana da reunião dos seres humanos enquanto seres que vivem juntos, contextualiza o *animal laborans* como sendo a figura humana que “na atividade do trabalho não requer a presença de outros, mas um ser que trabalhasse em completa solidão” (Arendt, 2020, p. 27) destituindo-se, portanto, da face de ser humano, para de *animal laborans*. Ou seja, o ser humano envolto na preocupação de suprir as necessidades vitais, logo, resume-se ao mero estar vivo.

4 Destacamos que o mundo aqui tratado não existe por si só, mas pela sua construção e preservação coletivas, como produto da obra humana e como espaço da ação política.

de destruir toda a vida orgânica da Terra (cf. 2020, p. 3), pois a velocidade do consumo não permite uma preocupação dos recursos naturais, por exemplo, ao contrário, necessita que o processo de produção e consumo sejam rápidos, assim como o trabalho, enquanto parte que completa o ciclo do movimento do consumo, adquira o caráter de maior triunfo do ser humano, como sua mais alta e completa realização. Nesse sentido, esse movimento “consumo-trabalho-consumo”, acaba por afastar qualquer possibilidade de pensamento e análise, inclusive do que está sendo consumido e para que se trabalha com tanta avidez, visto que os produtos advindos do trabalho do *animal laborans* não tem permanência⁵ no mundo. Para que este ciclo se complete, a ausência de mundo, aparece como uma forma de tornar o ser humano suspenso e alheio ao seu próprio ambiente natural como lugar de construção de mundos, inclusive no momento em que se reúnem com demais seres humanos, para que assim possam pensar o bem comum e experienciar os diversos pontos de vista que divergem de apenas um, construindo e reconstruindo mundos.

A ausência de responsabilidade com o mundo implica, inclusive, a credibilidade para que qualquer simples ideia ou até mesmo uma “receita” em forma de simplicidade e praticidade para a resolução de determinado problema do mundo adentre facilmente ao âmbito das relações humanas. Paralelo a isso, a venda sugestiva de uma “ideia de progresso” desvinculada de uma sensatez com o mundo é “comprada” por seres humanos que tornaram-se usuários e trabalhadores, o que representa faces de uma mesma engrenagem, imersos em um mundo onde o consumo é o que move a felicidade, os momentos de lazer (que também são consumidos) e o trabalho. Este consumo destrói e é baseado no desprendimento sobre qualquer preocupação com a permanência dos artefatos, bem como tem como alvo apenas a economia do desperdício. Arendt cita que a economia do desperdício tornou-se uma característica do processo de destruição em que o ser humano está submerso.

Nas condições modernas, a conservação, e não a destruição, significa ruína, porque a própria durabilidade dos objetos conservados é o maior obstáculo ao processo de reposição, cujo crescimento constante da velocidade é a única constância restante onde esse processo se estabelece (ARENDRT, 2020, p.13)

Arendt aponta que a manutenção no sentido da realimentação do processo da não distribuição de renda e sim ao acúmulo de riqueza está, desde sua origem, articulada com a ausência de significado do cuidado, passando a existir essa perspectiva apenas quando vinculada ao processo vital, sendo possível apenas “se o mundo e a própria mundanidade do homem forem sacrificados” (Arendt, 2020, p. 317).

5 “O defeito cardinal das análises econômicas consiste em que estas só conhecem o valor de uso e o valor de troca, fazendo desaparecer tacitamente o valor de consumo no valor de uso. Mas a questão especificamente econômica é precisamente a seguinte: quanto tempo deve uma coisa me servir? Isso determina seu ‘valor’ tanto quanto os demais fatores, pois lhe inere a questão sobre quantas vezes terei de renová-la. É notável que o fator tempo seja excluído. Precisamente quando na determinação do valor se parte da produção, e não da troca, deveria saltar aos olhos a distinção entre usar e esgotar = consumir” (Correia, 2013, p. 209, *apud* Arendt, 2002, p. 355 [XV, 14, maio 1953]).

As memórias de momentos críticos e perversos da história dos seres humanos - de guerras mundiais, bombas atômicas, câmaras de gás, extermínio, regimes totalitários, escravidão e colonização - não foi o suficiente para a interrupção ou proliferação de episódios similares pensados e executados por seres humanos. Kopenawa lembra em seu discurso aquilo que revela a contradição por completo da ação dos “brancos”: A de que vivem a defender uma relação saudável com a natureza, que a ama, e que a preservam, mas, porém, como pensador indígena afirma:

[...] o pensamento desses brancos está obscurecido por seu desejo de ouro. São seres maléficos. Em nossa língua, os chamamos de *napë worë pë*, os “espíritos queixada forasteiros”, porque não param de remexer os lamaçais, como porcos-do-mato em busca de minhocas. Por isso também os chamamos de *urihi wapo pë*, os “comedores de terra” (KOPENAWA, 2015, p. 336).

O alerta da insensatez da ausência da atuação política, do apartamento do mundo diante da noção de humanidade, pode nos incitar a uma possível certeza diante de tantas incertezas e contradições: a de que a catástrofe da destruição arrasta a todos. A Terra é o *habitat* e o palco onde o mundo é formado por nossas aparições, ação, movimentos e teia de relações, sob a condição de constante manutenção desta. A solidariedade implica o reconhecimento da pluralidade e da unicidade que existe enquanto espécie humana, que juntas podem ou não construir uma humanidade que requer um mútuo olhar de compreensão que ultrapassa o de simples sobrevivência momentânea e biológica ou de um determinado tempo histórico, mas de uma concepção de criação e manutenção de um mundo onde não seja devorado pelos próprios habitantes.

Nesse sentido, iremos expor como a pensadora judio-alemã descreve a dupla alienação que marca nossa situação contemporânea - alienação do mundo e da Terra - a fim de compreendermos como tal perspectiva serve para a consumação da vitória do *animal laborans*, isto é, o posicionamento de uma sociedade em que o trabalho e o consumo são colocados como os principais critérios de nossa existência. Em última instância, como pretendemos demonstrar, a sociedade de consumo é condicionada pelas alienações do mundo/Terra, ao passo que o estar alienado aprofunda o fato de estarmos alheios à nossa vida mundana e plural, à existência política, bem como leva a um afastamento dos seres humanos quanto ao cuidado também com a Terra. Nesse sentido, é possível lermos as teses arendtianas tanto sob uma perspectiva política - quando falamos sobre o cuidado com o mundo - quanto através de uma ótica ecológica - ao tratarmos do cuidado com a Terra.

A origem da moderna alienação do mundo e da terra

Hannah Arendt, no prefácio da obra *A condição humana* (2020, p. 7), diferencia o que ela chama de mundo moderno e de era moderna. A autora explica que ambos não coincidem e que cientificamente a era moderna surge no começo do século XVII, desenvolvendo-se até o limiar do século XX, já o mundo moderno, por sua vez, tem como característica de seu início a marca antipolítica das explosões atômicas. Interessa-nos esse

contexto exposto por Arendt a fim de acompanharmos junto a análise da experiência humana de alienar-se do mundo.

Faz-se importante em nosso caminho de investigação, diferenciar o conceito de Terra e de mundo. Terra, para Arendt, representa a quintessência da condição humana (cf. 2020, p. 2), o *habitat* natural que é capaz de assegurar a permanência e a vida do ser humano no ambiente sem qualquer artifício para auxílio de respiração ou de movimentação. O mundo, no entanto, surge como artifício humano que separa a existência humana de todo ambiente meramente animal (cf. 2020, p. 2), logo, no mundo, o ser humano pode apresentar-se e agir em liberdade, aparecendo aos demais seres humanos e diferenciando-se na sua igualdade perante a pluralidade⁶ humana. O mundo pode abrigar a existência humana em sua diversidade, sendo imprevisível diante da ação que pode acarretar eventos nunca imagináveis por meio da atuação dos seres humanos na construção de mundo.

Arendt aponta o lançamento do satélite *Sputnik* no ano de 1957 como um evento único de caráter científico, mas que se revela também sob um prisma político (cf. 2020, p. 1), tendo em vista as suas repercussões junto ao público expressarem o sentimento de aprisionamento do ser humano à sua natureza terrena, elemento retratado, inclusive, nos filmes e revistas de ficção científica. Esse sentimento, segundo Arendt, denuncia uma convicção da era moderna: o homem só pode conhecer aquilo que ele mesmo faz (cf. 2020, p. 282). Assim sendo, a busca de criação e fabricação “artificial” da vida também demonstrou ser possível através da ciência.

No entanto, este evento, pontua Arendt, em sua face política, não foi percebido por todos, antes, foi interpelado pelo desejo subjetivo das massas⁷ de uma possível fuga da Terra (cf. 2020, p. 1), apontando para a alienação da Terra quando se estabelece e encurta-se a distância desta, indicando um ponto de partida para a busca de uma verdade externa a ela, ao mesmo tempo que estabelece uma separação que implica na dissociação da Terra, onde sabe-se até o momento, o único planeta capaz de abrigar a vida humana. Arendt comenta, neste sentido, como o advento moderno da técnica nos capacitou - em certa medida - a percorrer em um tempo cada vez menor distâncias antes vistas como grandes demais para o corpo humano, levando a um encurtamento da própria Terra. Não se trata, aqui, de uma avaliação moral da autora quanto a este elemento da técnica, mas sobre como essa nossa capacidade, por exemplo, nos proporciona um certo sentimento de dominação - pois agora essa distância antes inumana é “facilmente” sobrepujada pelas modernas

6 Arendt (2020, p. 9) define que a pluralidade é a condição de toda a vida política. Destacando que “os homens e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo”.

7 Não abordaremos o conceito de forma aprofundada. A sociedade de massas caracteriza-se onde o mundo comum deixa de existir cedendo espaço a um conformismo artificial que destrói a pluralidade humana, espaço no qual, comportamentos são multiplicados e os seres humanos tornam-se prisioneiros de suas subjetividades e de sua existência singular, pois as perspectivas apresentadas e vistas sob diversos olhares não acontecem (2020, p. 71). Para a filósofa, as massas atrelam-se à “impermanência e à volubilidade” (2012, p. 434) pois, são caracterizadas pela extraordinária “adaptabilidade e falta de continuidade”, adaptabilidade esta que pode ser referenciada no apoio de líderes de governos totalitários (2012, p. 435).

tecnologias - e, nesse sentido, do posicionamento de uma nova fronteira de exploração: ao mapear toda a Terra, cabe-nos agora mapear e dominar o universo, circunstância que nos leva, em certo sentido, a nos vermos não mais apenas como cidadão de um país ou mesmo do mundo ou da Terra, mas do cosmos.

Quanto à modernidade (século XVII a XX), Arendt descreve três eventos que determinam sua estrutura e que nos capacitam a compreender a moderna alienação do mundo, fenômenos entrelaçados, mesmo ocorridos de forma distintas e com certo espaço de tempo, ocupam relevância política e científica, condições históricas, portanto, que contextualizam a alienação humana. São eles, a saber:

[...] a descoberta da América e a subsequente exploração de toda a Terra; a Reforma, que, expropriando as propriedades eclesiásticas e monásticas, desencadeou o duplo processo de expropriação individual e acúmulo de riqueza social; e a invenção do telescópio, ensejando o desenvolvimento de uma nova ciência que considera a natureza da Terra do ponto de vista do universo (ARENDR, 2020, p. 307).

O primeiro evento aqui analisado, a então novidade das grandes navegações (século XV-XVII), proporcionou o conhecimento dos limites do globo, alargando a superfície da Terra, mesmo que limitada territorialmente. A distância tornou-se irrelevante e a sensação de despertamento do solo no qual o ser humano constrói mundos, passou a ser representada.

Quanto maior a distância entre o homem e o seu ambiente, o mundo ou a Terra, mais ele poderá perquirir e medir, e menos espaço mundano e terrestre lhe restará. O fato de que o apequenamento decisivo da Terra foi consequência da invenção do aeroplano, isto é, de ter o homem deixado inteiramente a superfície da Terra, é como um símbolo para o fenômeno geral de que qualquer diminuição de distância terrestre só pode ser conquistada ao preço de se colocar uma distância decisiva entre o homem e a Terra, de aliená-lo do seu ambiente terrestre imediato (ARENDR, 2020, p. 311).

Arendt afirma que a alienação da Terra tornou-se característica da ciência moderna, o ser humano, ao separar-se da Terra, buscou sua cidadania junto ao universo, o que é, certamente, pura ilusão, visto que o sentimento de pertencimento não mais existe à sua própria “mãe-Terra”, nos questionamos, como aprofundar o amor ao mundo (*amor mundi*) em direção ao universo, se a impermanência baseia seu comportamento no mundo? Ao contrário, é utopia a ideia de pertencimento e de reconhecer-se cidadão do universo para além do seu território mundano, experiência que na prática é desmentida pela ausência de direitos políticos, direitos humanos e cidadania retratados pelos apátridas e refugiados em todo o globo. Essa alienação ao lar natural põe em risco de forma direta a vida humana na Terra. E a justificativa de compreender-se cidadão do universo vem a fundamentar a manipulação irresponsável e despreocupada dos recursos naturais da Terra.

Pereira (2018, p. 198) contextualiza que há um complexo processo de agigantamento e perda das distâncias, perde-se o mistério do mundo. A exploração do “novo” continente, que visava ampliar os limites do globo, resultou na compressão das distâncias pelo impulso à velocidade.

O segundo evento citado pela autora, a reforma protestante, ocorreu durante o século XV, trazendo um fenômeno relacionado à expropriação. Conforme aponta Resende (2016, p. 25), uma das consequências da expropriação da Igreja Católica foi a expropriação do campesinato, que, em termos de história e de espaço, foi um dos fatores cruciais para o declínio do sistema feudal. Para Arendt:

A expropriação, o despojamento de certos grupos do seu lugar no mundo e sua nua exposição às exigências da vida, criou tanto o original acúmulo de riqueza como a possibilidade de transformar essa riqueza em capital mediante o trabalho. Tudo isso constituiu as condições para o surgimento de uma economia capitalista. Desde o começo, séculos antes da revolução industrial, era evidente que esse desdobramento, iniciado pela expropriação e nutrido por ela, resultaria em um enorme aumento da produtividade humana (ARENDR, 2021, p. 315)

O diagnóstico, em vista disso, é que a força do trabalho assume um fator crucial de alienação, pois, sem um pedaço privado do mundo - que Arendt (cf. 2020, 313) afirma ser uma das mais elementares condições políticas para a mundanidade de homens e mulheres, o ser humano se vê duplamente expropriado: da parte privada do mundo comum e da proteção da família, aumentando a sua necessidade biológica e fazendo-o viver quase que exclusivamente para o processo vital, passando a requerer que empreenda mais tempo dedicado ao trabalho, a si mesmo e à família, do que ao mundo, o que na verdade acaba por não garantir a conquista deste espaço privado do qual falamos, na análise de Arendt:

[...] esse movimento não resultou em novas propriedades nem levaram a uma nova redistribuição da riqueza, mas realimentaram o processo para gerar novas expropriações, maior produtividade e mais apropriação. Em outras palavras, a liberação da força de trabalho como processo natural não se restringiu a certas classes da sociedade, e a apropriação não terminou por conta da satisfação das necessidades e desejos; o acúmulo de capital, portanto, não levou à estagnação que conhecemos tão bem dos ricos impérios que precederam a era moderna, mas propagou-se por toda a sociedade e deu início a um fluxo constantemente crescente de riqueza. Mas esse processo, que é realmente o “processo vital da sociedade” [...] (ARENDR, 2020, p. 316).

Sobre o terceiro evento apresentado por Arendt, a invenção do telescópio, a autora afirma que sua inauguração forneceu segredos do universo à cognição e aos sentidos humanos. O que outrora restringia-se à imaginação, com o instrumento do telescópio foi possível aproximar-se da realidade espacial extraterrena.

Conquanto ninguém tenha previsto tais realizações, e conquanto a maioria das teorias de hoje esteja em frontal contradição com aquelas formuladas nos primeiros séculos da era moderna, esse desdobramento foi possível apenas porque, inicialmente, a antiga dicotomia entre a Terra e o céu foi abolida e uma unificação do universo foi levada a cabo, de modo que, daí por diante, nada que ocorresse na natureza era tido como um mero evento terreno (ARENDRT, 2020, p. 325).

Arendt afirma que a velocidade conquistou o espaço (cf. 2020, p. 309), a imprevisão de tal realização confirma o manejo da Terra por uma referência exterior a ela, mesmo estando sob a condição da natureza terrena. Conforme Pereira (2018, p. 199), ao usar o parâmetro do ponto de vista arquimediano, através do telescópio, passamos a nos localizar fora da Terra, propiciando um posicionamento inclusive externo ao planeta para conhecer o próprio planeta. O que essas noções sugerem é uma experiência de distanciamento, perda ou recusa. Ademais, a confiança quanto à nossa relação com a natureza mediada por novos instrumentos, na compreensão de Arendt, levou também a uma maior desconfiança e um aumento da dúvida quanto à nossa capacidade natural de perceber o mundo.

Estes eventos aqui observados resumem-se em três estágios que caracterizam a alienação do mundo de acordo com Arendt (2020, p. 317). O primeiro estágio da alienação iniciou-se pela expropriação de trabalhadores da parte privada do mundo. O segundo estágio foi atingido quando a sociedade se tornou o sujeito do processo vital, como antes a família fora antes. Junto a isso, veio a necessidade de pertencimento a uma classe social. O terceiro estágio da alienação se apresentou pelo desdobramento da diminuição da distância entre os seres humanos frente à Terra e ao universo, bem como na desconfiança sobre nossos sentidos e atribuição de verdade àquilo que pode ser provado apenas científica e matematicamente, sobretudo colocando certa expectativa política nos cientistas. O problema que se ressalta disso é a atribuição de responsabilidade com o mundo apenas a tais atores, levando que cada vez mais os outros indivíduos vivam desconectados da existência política e com preocupações concernentes apenas à manutenção de sua própria vida, isto é, trabalhar para consumir, consumir para descansar, descansar para novamente trabalhar.

Após a investigação percorrida até aqui, Arendt contextualiza que a modernidade instala seres humanos duplamente fugitivos: da Terra para o universo e do mundo para si-mesmos. Esta alienação representa uma herança da sociedade moderna que desvinculou o ser humano da liberdade e ação política, assim como das relações humanas, além da superficialidade, características que são incorporadas às relações humanas, fazendo-o reduzir-se ao horizonte da manutenção da vida biológica e ao ideal de abundância e consumo do *animal laborans* de tal maneira que o ser humano não pensa como ser pertencente a uma humanidade.

Como vimos, a expropriação foi acompanhada a demanda do trabalho e o curso repetitivo das funções vitais conectado ao ciclo da reprodução e manutenção social. Arendt afirma que os seres humanos modernos, pela alienação do mundo, ao serem arremessados

para dentro de si mesmos, não retornaram à ele, mas passaram a preocupar-se de forma exclusiva com o si-mesmo [*self*] (cf. Arendt, 2020, p. 314) reforçando a distância que estabeleceu-se entre o ser humano (ele mesmo) com o mundo e a pluralidade humana. Em outras palavras, ao se ver diante de nada e de ninguém que lhe atribuam significado, segurança e verdade, só enxergam a si mesmos (cf. Arendt, 2020, p. 347), sensação gerada por uma ausência de mundo e introspecção, que difere da reflexão, por não se sentir pertencente ao mundo, pois já não existe nele uma estabilidade e segurança, nem mesmo a verdade lhe é garantida, visto que os sentidos por meio da experiência sensorial passam a ser questionados, de modo que o que confere segurança se torna aquilo que o ser humano consegue criar e estabelecer uma relação material, logo, só é verificável o que é produzido por ele, o artificial:

A convicção de que a verdade objetiva não é dada ao homem e que ele só pode conhecer aquilo que ele mesmo faz não advém do ceticismo, mas de uma descoberta demonstrável e, portanto, não leva à resignação, mas a uma atividade redobrada ou ao desespero (ARENDR, 2020, p. 363).

A introspecção da falta de mundo não oportuniza ao ser humano reflexões sobre o mundo, pois já não está nele, mas no máximo, um “jogo da mente consigo mesma... apetites, desejos, anseios” (cf. Arendt, 2020, p. 398). Arendt chama atenção para a postura de relação que o ser humano estabelece com a Terra quando:

[...] sempre manejamos a natureza a partir de um ponto no universo, fora da Terra. Sem efetivamente nos posicionarmos onde Arquimedes desejava se posicionar (*dos mois pou stō*), presos ainda à Terra pela condição humana, descobrimos um meio de atuar sobre a Terra dentro da natureza terrena como se pudéssemos dispor dela a partir de fora, do ponto arquimediano. (ARENDR, 2020, p. 325).

Esse despertencimento gera a redução de experiências em ambas as relações formadoras de mundo: na relação entre “ser humano - mundo” e “ser humano - ser humano”, nesse contexto, destaca-se o movimento de alienação em relação ao mundo, assim como se coloca uma alienação relativa à pluralidade humana (cf. 2020, p. 314).

Julgamos decerto imprudente aceitar que nosso tempo seja marcado como a história da destruição da Terra; da desistência da humanidade que revela o desvinculo entre os seres humanos e a completa indiferença nas relações que ainda se mantém quando há interesses, dependência ou submissão, assim como da separação entre a vida e a convivência responsável e saudável com o planeta. Nunca foi tão nítida a demarcação entre o animal humano que vive a explorar e o planeta que se esfacela nessa locomoção.

A sociedade de consumo e seus riscos para o mundo e a terra

Vimos anteriormente que a alienação causada pela expropriação - a ausência de um lugar no mundo como espaço privado, uma propriedade onde a vida relacionada ao âmbito familiar pode ser vivida e compartilhada - significa vivenciar a manutenção e renovação de uma vida biológica. Consideramos, ainda, que este local mundano e terreno é condição, de acordo com Arendt, para uma atuação livre na esfera pública, visto que liberto das preocupações e funções do âmbito privado, que pressupõe um espaço físico onde habitar e experienciar a vida privada, o ser humano encontra-se apto para a aparição no espaço público, na vida em comunidade sem os anseios e preocupações individuais ou do aspecto privado, podendo nesse sentido, ampliar seu olhar para as diversas perspectivas do mundo e assim pensar sobre elas em conjunto. Deste modo, possuir um lugar no mundo implica em um maior pertencimento a ele e, conseqüentemente, na assunção de uma responsabilidade.

Nesse contexto, apresenta-se a ascensão do trabalho como atividade central do ser humano no mundo moderno, vindo a completar o lado necessário de uma sociedade do consumo, deformando a potencialidade da pluralidade humana de agir em conjunto em direção a uma atividade reduzida à subsistência do biológico e que não necessita da pluralidade humana para ser realizada. A capacidade de construção de um mundo durável foi engolida pela lógica de produção e consumo incessantes que domina e absorve todas as demais capacidades do ser humano. Presenciamos a cada novo tempo a falência da humanidade que se permitiu ser manipulada à utilizar seu intelecto em sentido meramente técnico, sem fomentar a reflexão os modos pelos quais podemos viver, sobre como podemos nos relacionar com o mundo e com as demais pessoas que convivem nele conosco.

Alves Neto (2009, p. 190) cita que na alienação do mundo a socialização do trabalho pode fazer com que nenhum objeto do mundo esteja protegido do contínuo desaparecimento e da aniquilação desenfreada pelo consumo. A espécie humana encontra-se submersa na destruição de recursos naturais de forma incessante e ausente de responsabilidade, assim como no descontrole do consumo desnecessário, levando à infinitude do processo de acumulação. Arendt cita a contradição existente entre a sociedade do consumo e uma sociedade capaz de manter um mundo comum, destacando que:

O fato é que uma sociedade de consumo não pode absolutamente saber como cuidar de um mundo e das coisas que pertencem de modo exclusivo ao espaço das aparências mundanas, visto que sua atitude central ante todos os objetos, a atitude do consumo, condena à ruína tudo em que toca (ARENDR, 2016, p. 264).

Essa circunstância é completamente oposta à manutenção e formação de um mundo comum, visto que, para isso, as relações precisam encarar o fato da pluralidade humana e de que agir politicamente não é agir isoladamente, mas junto àqueles com quem compartilham o mundo. De fato, podemos concluir que não é viável considerar o *animal laborans* como elegível construtor nem mantenedor de um mundo comum, se a sua constituição foi capturada pelas necessidades biológicas desconectadas de um mundo estável.

Segundo Correia (2006, p. 226), o político significa antes de tudo o resultado do amor ao mundo. O mundo, para que de fato exista, deve ser reconhecido como *habitat* ao mesmo tempo que é o mundo de convivência da pluralidade humana de forma saudável. A convivência à qual nos referimos pode ser contextualizada no sentido da ação realizada pluralmente e que leva à afirmação da singularidade individual, de modo que a igualdade e a diferença se afirmam neste mesmo movimento, ao passo que a redução ao meramente biológico subsume toda diferenciação e nos transforma em apenas reproduções da espécie que consomem o mundo e, nesse movimento, destroem-no.

Neste sentido, sem a criação e constante manutenção proveniente da ação política, o mundo pode deixar de significar a complexidade e riqueza de diversidade que lhe compõem, vindo a transformar-se em deserto, onde a gratidão e amor pelo habitat natural que nos acolhe, que é adequado a nossa permanência, deixam de ser realizados. Sob tais circunstâncias, os indivíduos se mantêm ausentes de sua responsabilidade com o mundo, retratada na destruição e consumo exacerbado, onde prevalece a postura de seres humanos “comedores da Terra” (Kopenawa, 2015, p. 336) com as mais variadas justificativas, desde a autorrenovação da natureza e da “exploração em nome do progresso”.

Sobre a sociedade de consumo e a condição de manutenção do mundo, Arendt denuncia que a insuficiência de sentido da vida incorporou-se ao mundo, ou melhor, à sua ausência, ao fato da liberdade ter sido suprimida pela necessidade. O consumo adquiriu a forma mais potente e viva do ser humano. O termo “usuário”, comumente utilizado para referir-se ao consumidor das tecnologias digitais da modernidade, pode facilmente ser aplicado a várias áreas da vida humana. Essa conexão se dá, inclusive, porque o modo como os seres humanos constituem e estabelecem suas relações com o mundo e com as coisas do mundo se dá pela lógica do consumo, por conseguinte, superficial e instantânea, sem criadora de vínculos, de história, de mundo, nem de memória. Dito isto, Arendt (2016, p. 258) indica que a sociedade de massas pode ser caracterizada como um corpo onde o metabolismo se alimenta de coisas devorando-as. Sobre a questão social⁸, Aguiar cita que:

Arendt põe a questão social no interior da primazia da necessidade. Essa opção usurpou o lugar da política e da liberdade. A questão social impõe-se de forma constrangedora, compulsivamente, pois segue a lógica da vida em sua dimensão biológica (ARENDR, 2012, p. 50).

A passividade que forma o corpo da sociedade estéril, que troca de valores e princípios a cada nova necessidade, é destruidora de pluralidades e de mundo, pois completamente alienada do mundo, é incapaz de julgar. Com a modernidade, veio junto a falência da tradição do pensamento político e moral para administrar novos desafios e problemas que surgem a cada evento. Farias Júnior fala sobre a ausência do passado:

[...] como fenômeno da incapacidade de se apropriar do passado, de modo que nos vemos presentes em um mundo que, apesar de compartilhado com

8 Não nos debruçamos sobre o conceito de social apresentado por Arendt. O citamos brevemente, pois o social está vinculado ao apelo à necessidade e consumo.

tantos outros, já não pode ser tão bem descrito como um mundo comum dado que nos faltam elementos de compreensão daquilo que nos liga. Essa compreensão, segundo Arendt, é capaz de religar o homem à realidade (FARIAS JÚNIOR, 2021, p. 55).

A preocupação com o distanciamento de nosso passado indica a ausência de memória, logo, da capacidade de criar vínculos e de escrever histórias. Certamente esse caminho leva à perda do pensamento que questiona e reflete sobre os eventos, suas causas, consequências e caminhos que foram outrora percorridos para que determinado acontecimento de fato viesse a ser concretizado. Conhecer o passado infere na compreensão de condições históricas do nosso presente, no entendimento dos elementos que foram cristalizados no nosso mundo e, nesse sentido, nos possibilita imaginar caminhos e possibilidades de chegada ao futuro, ou seja, de pensar e julgar o que estamos contemporaneamente fazendo.

A falta do cuidado, do amor ao mundo e da ação política plural é uma realidade que gera preocupação. Nessa perspectiva, Aguiar fala da renúncia à construção de mundo:

de um habitat humano próprio à produção da igualdade, da liberdade e da justiça entre os homens. Vale dizer, a questão central, para Arendt, é que a modernidade, sua escolha pela necessidade e a economia, está acarretando a biologização tecnológica dos homens. Isso significa a renúncia ao tipo político de vínculo humano, o crescimento da solidão, da violência e da funcionalização de todas as atividades humanas (AGUIAR, 2012, p. 46).

Sendo assim, a alienação do mundo e a biologização proporciona a ausência de participação no corpo político e de aparição no espaço público. Uma alienação que assemelha-se ao estranhamento, ao sentir-se isento de responsabilidade por encontrar-se como um estrangeiro em seu próprio mundo.

O preço do desarraigamento, residual ou deliberadamente fabricado, não é apenas potencialmente a superfluidade, mas a efetiva perda da experiência ou da realidade do mundo, sempre devedora da interação com nossos pares para a dissolução das nossas idiossincrasias; por seu turno, essa alienação do mundo é paga com o preço da própria identidade (CORREIA, 2013, p. 204).

A tragédia da não mundanidade, este afastamento do mundo político, implica em termos milhões de seres humanos ocupando um planeta dispersos e suspensos de seu mundo, reduzidos à simples vida, como a de uma formiga, um animal que trabalha e que mesmo estando em seu momento de descanso ainda permanece sozinho pois já não se comunica e não estabelece troca de mundo ou compartilha mundos, pois o *animal laborans* permanece adstrito à satisfação de suas necessidades corporais compulsivas, incompartilháveis e significativamente incomunicáveis (cf. Correia, 2013, p. 2010). A introspecção em troca da relação com o mundo é justificada pela ilusão da felicidade

causada pelo consumo e pela satisfação representada pela imagem da quantidade. Objetos que nem mesmo chegam a percorrer o seu tempo de uso, por vezes já são descartados por outro, o modo de vida da sociedade do consumo é devastador e assustador, devido a sua inutilidade e preocupações supérfluas e arcaicas. A ausência de sentido é cada vez mais expressa no adoecimento do corpo e da Terra. E no meio de todo esse caos, Arendt (2020, p. 6) ainda previu, o grave diagnóstico que é atual e problemático da sociedade do consumo contemporânea: a existência de uma “sociedade de trabalhadores sem trabalho, a única atividade que lhes resta”.

Conclusão

Hannah Arendt (2021, p. 494 - 495) cita que não se pode resolver os problemas fundamentais de uma época, mas se pode preparar uma atmosfera na qual as coisas sejam discutidas, neste sentido, o mundo precisa ser assunto humano para que seja viável a correlação dos assuntos e acontecimentos mundanos.

A questão é: até que ponto nós acreditamos em discutir? [...] No que Sócrates aparentemente acreditava - não tenho certeza se Platão acreditava nisto - é que falar sobre justiça torna o homem mais justo. E falar sobre coragem - mesmo que não se encontre nenhuma boa definição do que é coragem - pode inspirar os homens a serem corajosos em determinado momento. Assim, criamos uma atmosfera na qual podemos ter a chance de, pelo menos, enfrentar os problemas e compreendê-los à medida que aparecem. (ARENDR, 2021, p. 494-495)

Vale ressaltar que é essencial que existam bases para o movimento constante de novos acordos entre os seres humanos a partir do discurso e debate sobre os assuntos inéditos que surgem e que dizem respeito à humanidade. A capacidade construída coletiva de analisar e refletir sobre a crise não presume resolução da mesma, mas uma melhor capacidade de lidar com situações impensadas. A autora cita nesse sentido que:

[...] fincaremos as bases para novos acordos entre nós, assim como entre as nações da Terra que talvez, então, venham a se tornar costumes, regras, normas que mais uma vez se fixarão no que chamamos de moralidade. A única condição de progresso nessas matérias (embora eu deteste a palavra “progresso”) é que estejamos e continuemos conscientes de que nossos problemas são inéditos e que de fato vivemos uma situação de crise (ARENDR, 2021, p. 380).

Roque (2021, p. 103) complementa nossa análise quando aponta que examinar um contexto histórico em detalhes é sempre bom para enxergarmos as nuances e as contradições que envolvem o surgimento de uma ideia inovadora e os embates com visões de seu próprio tempo. Nosso caminho de reflexão indica a tomada de decisão sobre questionar a imagem de um ser humano que o mundo moderno, no qual estamos

inseridos, nos transformou e com isso, fez acreditar que assim o somos, naturalizando inclusive atrocidades em nome do “progresso” e da “evolução”.

A túnica do Super-Homem poderia destruir a humanidade - bastava apertar um botão. Mas também promoveria o bem-estar - bastava garantir que a tecnologia fosse usada racionalmente e para fins nobre, como promessa de novos medicamentos e a cura de doenças crônicas, expectativas que explicam, em parte, o clima de euforia após a exibição de uma ameaça tão terrível. Não muito longe na escala de prioridades, estava a excitação com embalagens de plástico, meias de náilon, cruzeiros, voos comerciais e máquinas de lavar. A promessa de felicidade doméstica cativava homens e mulheres a esquecer os perigos da bomba e a seguir em frente, rumo ao progresso (ROQUE, 2021, p. 153).

Ao analisarmos os seres humanos modernos e sua relação com o mundo, conseguimos evidenciar problemas que despertam grandes preocupações frente ao cuidado e responsabilidade com o mundo e com a Terra. Esse movimento de verificar o presente observando eventos passados é uma característica da escrita, assim como da contemplação filosófica e política de Arendt, o que nos faz, por conseguinte, buscar uma articulação constante nas análises que perpassam o movimento da alienação aqui examinado.

A mudança pontual operada no limiar entre a Era moderna e o Mundo moderno corresponde à atividade do trabalho. Ao observarmos o paradigma do trabalho de cada época podemos destacar uma conversão significativa: na Antiguidade, o trabalho era reservado ao privado, ocorria de forma restrita no âmbito da família e do lar (*oikos*), o qual se regia pela necessidade e por uma desigualdade hierárquica entre o senhor ou pai de família (*paterfamilias*) e sua esposa, filhos e escravos. Em contrapartida, a ação era considerada a atividade mais digna do ser humano, a qual ocorria na *pólis*, no espaço público, onde os cidadãos da cidade, após terem suprido suas necessidades no âmbito privado, eram considerados iguais entre si e podiam aparecer uns aos outros, de modo a afirmar a pluralidade humana e também a exercer a sua liberdade por meio da ação e do discurso (Arendt, 2010, p. 34). Já ao final da Era moderna, observa-se que o trabalho acaba não só por alcançar o ponto máximo de sua existência, tornando-se, das atividades humanas, a mais relevante, como também torna-se responsável por absorver o maior tempo de vida dos seres humanos. A “ação”, desse modo, representa no mundo moderno a função do fazer, desligando-se completamente da ação política e da liberdade compreendida por Arendt.

Esse diagnóstico revela como os seres humanos fugiram da gerência direta acerca da ação em direção à perda da capacidade de reflexão e pensamento, à falta de significado em função do saber técnico, ao declínio da durabilidade do mundo, bem como do sentido que estamos deixando de manter com o mundo, assim como nas relações que permeiam a existência humana. O ser humano, ao reduzir-se à condição de *animal laborans*, desvincula-

se da sua existência humana no sentido de transitar constantemente entre a *vita activa*⁹ e a *vida do espírito*¹⁰, condições estas que oportunizam um constante posicionamento no mundo, pois, ao pronunciarmos perante ao mundo à pluralidade humana, nós nos distinguimos uns dos outros e construímos mundos e, dessa forma, damos sentido a eles.

Aqui nós nos questionamos até quando o planeta que nos abriga, assim como a humanidade, resistirá a diluição da esfera pública (ao afastamento dos indivíduos de sua preocupação com o mundo em função da atividade do trabalho e seu par, o consumo) e a lógica de manutenção de um relacionamento com o mundo (diretamente relacionada à ausência de permanência de coisas pelo consumo) pautado na linha tênue entre construir e destruir mundos assim como da manipulação da Terra sem vínculo algum, justificado pela lógica do “cidadão do universo”.

O imaginário de um mundo e planeta aptos a serem consumidos nunca foi tão real. O aumento da atividade humana rumo ao acúmulo e desperdício, gerando um círculo como uma engrenagem que se sustenta é uma forma proposital de manutenção da lógica do consumo, logo do esvaziamento das discussões e do aparecimento que geram as deliberações pelo discurso. A nova forma de lidar com a verdade é pautada unicamente pela visão da ciência, sendo portanto, justificada a ausência do pensamento. Essa ambição da construção de uma realidade única fincada nos comportamentos e na manipulação da realidade aparece pela ideologia que perpassa a organização e manutenção da consciência coletiva das massas. Nesse contexto, o “cidadão do universo”, apartado do mundo, não mais reflete sobre ele, os demais seres humanos e o mundo, mas se refugia em si mesmo e sonha com a vida fora da Terra. Em suma, estar alheio ao lar natural torna-se uma ameaça ao próprio processo vital natural (Arendt, 2020, p. 325).

Por fim, Arendt (cf. 2020, p. 327) afirma que a primeira vítima da alienação do mundo na era moderna foi o amor ao mundo (*amor mundi*). O desejo da “fuga da terra” percebida como uma prisão também ocasionou o afastamento do próprio habitat humano e acelerou o processo de “suspensão” dos seres humanos, pois já não vinculam-se ou não estabelecem uma relação que seja profunda e duradoura. O aumento da atividade humana estabelece que estes não firmem conexão alguma com o mundo, senão a do consumo e da exploração, como um círculo de necessidades intermináveis que só se renovam e recriam-se, baseada em uma despreocupação negligente e irresponsável.

O que assume extrema relevância em toda esta análise além da observável e incontestável destruição do planeta é o esfacelamento da política. A perda do mundo comum, da discussão entre os seres humanos e da responsabilidade coletiva de interesses comuns que os relacionam, seres humanos plurais e únicos, na sua unicidade como seres

9 Expressão usada por Arendt para designar três atividades humanas fundamentais, que a filósofa acredita que cada uma corresponde a uma condição básica da vida humana na Terra, são elas: trabalho, obra e ação.

10 A despeito deste conceito, não exporemos, apenas o citamos devido a sua importância na ação política para Hannah Arendt. De acordo com Novaes (2017, p. 58), sua obra *A vida do espírito* (1972) foi concebida por Arendt como a continuação de *A condição humana* (1953). Integrandos as relações entre *vita activa* e *vita contemplativa*. As atividades espirituais denominadas por Arendt são: as faculdades do pensar, querer e do julgar.

naturalmente humanos. Na medida em que desfaz-se o espaço público, local que propicia o espaço-entre de aparecimento e discurso, diminui-se a ação. A alienação, no entanto, compromete a liberdade política, logo o compartilhamento de responsabilidades como o firmamento de relações que extrapolem a trivialidade e a superfluidade. Nesse sentido, pensar o que estamos fazendo, questionamento que Arendt faz ainda no prólogo de *A condição humana*, ainda merece atenção e requer um movimento de pensamento urgente: a ameaça vislumbrada pela autora já apontava uma preocupação que extrapolava a postura do ser humano frente ao mundo, expandindo-se para o questionamento sobre se em alguns anos, ainda existirá Terra para criação de mundos. Esperamos que sim, mas isso só será possível mediante o *amor mundi*.

Bibliografia

Arendt, Hannah. *Pensar sem corrimão*. compreender 1953 - 1975 / Hannah Arendt; organização e apresentação Jerome Khon; tradução Beatriz Andreiuolo - [et. al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

Arendt, Hannah. *A condição humana* / Hannah Arendt; tradução Roberto Raposo; revisão técnica e apresentação Adriano Correia. - 13. ed. rev. - [Reimp.] - Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2020.

Arendt, Hannah. *Que é liberdade? - Entre o passado e futuro* / Hannah Arendt; [tradução Mauro W. Barbosa]. São Paulo Perspectiva, 2016 – (Debates ; 64 / dirigida por J. Guinsburg).

Arendt, Hannah. *Origens do totalitarismo*. Hannah Arendt; Tradução Roberto Raposo. - 1º ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Aguiar, Odílio Alves. *Necessidade e liberdade em Hannah Arendt*. Princípios Revista de Filosofia. Natal (RN), v. 19, n. 32 - Julho / Dezembro, 2012, p. 35 - 54.

Correia, Adriano. *Hannah Arendt e a condição humana* / Adriano Correia (org) . Salvador: Quarteto, 2006. 370 p.

Correia, Adriano. *Quem é o animal laborans de Hannah Arendt?* /Adriano Correia. Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 25, n. 37, p. 199-222, jul./dez. 2013. Acesso em: 08/01/2024 Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/679>

Farias Júnior, João Batista. *A responsabilidade política pelo mundo comum: diálogos com Hans Jonas e Hannah Arendt* / João Batista Farias Júnior - Curitiba: CRV: 2021. 212 p.

Kopenawa, Davi; Albert, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* / Davi Kopenawa e Bruce Albert; tradução Beatriz Perrone - Moisés: prefácio de Eduardo Viveiros de Castro - - 1º ed. Companhia das Letras, 2015.

Neto, Rodrigo Alves. *Alienação do mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt*. Rodrigo Alves Neto. - Rio de Janeiro: PUC - Rio, São Paulo: Ed. Loyola, 2009, 201 p. 21cm.

Novaes, Adriana. *Pensar sem apoios: Hannah Arendt e vida do espírito como política do pensar*. Adriana Novaes. Tese de doutoramento. São Paulo. 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-02062017-095237/pt-br.php> Acesso em: 13/01/2024.

Pereira, Geraldo Adriano Emery. *Alienação, ideologia e verdade na obra de Hannah Arendt*. Geraldo Adriano Emery Pereira. Princípios: Revista de Filosofia, Natal, v. 25, n.48, set.-dez.2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/14775> Acesso em: 09/01/2024.

Resende, Maria Carolina Mendonça de. *O conceito de alienação do mundo no pensamento de Hannah Arendt*. Maria Carolina Mendonça de Resende. CONTEXTURA, Belo Horizonte, nº 8, jun. 2016, p. 21-28. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistacontextura/article/view/3784> Acesso em: 09/01/2024.

Roque, Tatiana. *O dia em que voltamos de Marte: uma história da ciência e do poder com pistas para um novo presente* / Tatiana Roque. - São Paulo: Planeta, 2021.